

Congresso

O poder de fato toma posse hoje

A partir de hoje deve começar, de fato, o governo Fernando Henrique Cardoso. Ele mesmo foi quem escolheu esperar pela posse do novo Congresso para dar início ao jogo para valer. Pela escalação inicial, fica evidente que dias difíceis esperam o presidente. José Sarney na presidência do Senado, Antônio Carlos Magalhães com força total na Câmara presidida por seu filho Luís Eduardo Magalhães e Jader Barbalho líder do PMDB no Senado não fazem da vida de ninguém um mar de rosas.

Como se não bastasse, no Congresso que toma posse hoje o que menos se vê é peso-pena. Apenas 7% dos parlamentares podem ser considerados zero-quilômetro. Os outros 93% já ocuparam

algum cargo no Executivo ou mandato no Legislativo. São 32 ex-governadores no Senado — presidido por um ex-presidente da República —, oito na Câmara e mais de 100 ex-ministros e secretários de Estado.

Fernando Henrique tanto sabe que o jogo é duro que ontem decidiu adiar por 15 dias seu início. Cinco horas antes do encerramento da legislatura, reeditou medidas provisórias ainda não vencidas para não precisar convocar extraordinariamente o novo Congresso cujos trabalhos só começam no dia 15.

“O presidente atropelou o Congresso velho e adiou a estréia do novo”, resumiu o deputado Paulo Delgado, do PT mineiro, para quem, com isso, Fernando Henrique tenta ganhar tempo para entender direito quem são esses personagens com os quais vai, sem dúvida, se confrontar. No entendimento de Delgado, do jeito como estão compostos os esquemas de comando na Câmara e no Senado, o equilíbrio entre os Poderes corre o risco de pender favoravelmente para o Legislativo, onde o viés ideológico em vigor parece ser mais conservador.

“Teremos um parlamentarismo às avessas, onde o Poder Executivo deverá ser exercido a partir

do Parlamento”, considera. O PT, nesse contexto, mais uma vez assume um papel meramente discursivo, deixando de lado a ação política prática. Eleitor de José Genoíno amanhã na eleição para a presidência da Câmara, Paulo Delgado nem por isso deixa de ter uma visão crítica a respeito desta candidatura.

Ele era favorável a uma composição com Luís Eduardo Magalhães por considerar que assim o PT — o segundo colocado na eleição presidencial — poderia começar a sair da postura discursiva para utilizar os instrumentos de poder a favor das idéias que defende. Se a esquerda, que detém cerca de 100 votos, tivesse dado todos para Luís Eduardo, o pefelista talvez não tivesse ido buscá-los no PMDB, reforçando o cacife do partido que, embora dono de bancada grande, ficou na rabeira na eleição presidencial.

O avanço do conservadorismo — que chama de “reorganização da Arena” — preocupa o deputado da mesma forma como o preocupou o fato de a esquerda ter rejeitado a aliança com Fernando Henrique na eleição, deixando espaço ao PFL e, agora, ao PMDB. “Não soubemos chegar até o centro, o PSDB chegou, até avançou um pouco mais à direita e agora está com dificul-

dades de retornar”, analisa Delgado, que também é sociólogo.

Na opinião dele, há duas hipóteses em questão: se Fernando Henrique de fato não participou da eleição dos presidentes da Câmara e do Senado, ele perdeu. Se participou, ele mudou. Além do mais, as reformas estão aí e as forças aliadas ao presidente deverão impor tal sorte de limites a elas ou, para fazer como quer o Planalto, cobrar preço tão alto que, de qualquer forma, a negociação será penosa.

Paulo Delgado prevê, por conta das reformas e das divergências internas que provocarão, um racha muito em breve no PSDB, onde a impressão de que ganhou mas não levou é cada vez maior. O PMDB também poderá se dividir ainda mais quando começarem os debates. E é aí, nesse momento, que o petista acha que deveria entrar o seu partido para compor com os grupos que rejeitam as teses liberais preferindo a defesa do que prega a democracia social.

Nesse caso, acredita que o PT não deve descartar nem mesmo a hipótese de o Palácio do Planalto vir a precisar de novos aliados.

COISAS DA POLÍTICA ■ DORA KRAMER